

**Antropônimos esporádicos no português do Brasil:
o caso das construções [MC X]_N**

Nonce anthroponyms in Brazilian portuguese:
the [MC X]_N constructions case

Antropónimos esporádicos en el portugués de Brasil:
el caso de las construcciones [MC X]_N

Natal Almeida Simões Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS/Brasil)
nasneto@uefs.br
<http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

Letícia Santos Rodrigues

Universidade de São Paulo (USP/Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP/Brasil)
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Brasil)
letisr@usp.br
<http://orcid.org/0000-0003-3817-5378>

RESUMO

Neste trabalho, foram analisados antropônimos esporádicos a partir da formação [MC X]_N no português brasileiro, a exemplo de *MC 50 reais*, *MC Cuscuz*, *MC Ortobom*, *MC Detran* e *MC Cidade Alerta*. Tais nomes foram empregados por usuários de redes sociais da internet e se referem a personalidades famosas, normalmente de forma pejorativa. Essas realizações de caráter esporádico, ainda que passíveis de sistematização, parecem não se encaixar de maneira apropriada nas categorias de antropônimos propostas pela literatura especializada no assunto. Nesse

* Sobre os autores ver página 109



sentido, propôs-se, neste artigo, a categoria de “nomes esporádicos”, que foi analisada não só no que toca às práticas de nomeação, mas também quanto à configuração morfológica e à motivação semântica. Para esses dois últimos aspectos, aplicaram-se conceitos da Morfologia Construcional e da Semântica Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica; Antropônimos esporádicos; Palavras compostas; Morfologia construcional; Português brasileiro.

ABSTRACT

For this paper, sporadic anthroponyms that use the Brazilian Portuguese [MC X]_N formation, e.g. as MC 50 reais, MC Cuscuz, MC Ortobom, MC Detran, and MC Cidade Alerta, were studied. Such names were used by users of online social networks and refer to celebrities, usually in a pejorative way. These sporadic occurrences, although subject to systematization, do not seem to fit properly into the anthroponym categories proposed by researchers specialized in the subject. Thus, in this article, the category of “nonce anthroponyms”, which was analyzed not only in terms of naming practices but also in terms of morphological configuration and semantic motivation, is proposed. For the last two mentioned aspects, concepts of Construction Morphology and Cognitive Semantics were applied.

KEYWORDS: *Onomastics; Sporadic anthroponyms; Compound words; Construction morphology; Brazilian portuguese.*

RESUMEN

En este trabajo fueron analizados antropónimos esporádicos a partir de la formación [MC X]_N en el portugués brasileño, a ejemplo de MC 50 reais, MC Cuscuz, MC Ortobom, MC Detran y MC Ciudad Alerta. Tales nombres fueron empleados por usuarios de conexiones sociales de la internet y se refieren a personalidades famosas, generalmente de forma peyorativa. Esas realizaciones de carácter esporádico, aún que posibles de sistematización, parecen no encajarse de manera apropiada en las categorías de antropónimos propuestas por investigadores especializados en el tema. En ese sentido, se propuso, en este artículo, la categoría de “nombres esporádicos”, que fue analizada no solo en que se refiere a las prácticas de nombramiento, pero también cuanto a la configuración morfológica y a la motivación semántica. Para esos dos últimos aspectos, se aplicaron conceptos de la Morfología Construcional y de la Semántica Cognitiva.

PALABRAS-CLAVE: *Onomástica. Antropónimos esporádicos. Palabras compuestas. Morfología construcional. Portugués brasileño.*

1 Considerações iniciais

Enquanto ciência linguística, a Onomástica se ocupa do estudo dos nomes próprios considerando aspectos como a sua origem, os seus processos de formação, o seu uso em sociedade e a sua organização no léxico das línguas (RODRIGUES, 2016). É possível realizar um trabalho onomástico a partir de muitos objetos de estudo, tendo em vista que o contingente de nomes próprios é vasto e diverso por natureza. Assim, são de interesse da Onomástica os nomes de lugares, de santos, de personagens literários, de entidade mitológicas, de nomes de pessoas etc. A maior gama de estudos onomásticos abarca duas vertentes principais, a saber: os nomes de lugares, ou “topônimos”, que integram a subárea chamada de “Toponímia”; e os nomes de pessoas, ou “antropônimos”, que correspondem à subárea reconhecida como “Antroponímia” e também ao centro de nossas análises.

Neste artigo, a Onomástica auxiliará no desenvolvimento e no embasamento do nosso tema de análise, mas o foco principal estará no modelo da Morfologia Construcional, por meio do qual é possível reconhecer e investigar construções lexicais a partir da proposição de esquemas cognitivos. Tais esquemas, ao associarem uma contraparte formal e uma contraparte semântica, são capazes de estabelecer certos padrões recorrentes na língua. Nessa seara, intentamos acionar esse mecanismo para analisarmos o padrão [MC X]_N, presente no português brasileiro. Para tanto, salientamos que o item “MC” é um acrônimo que se origina no inglês, a partir das iniciais de Master of Ceremony (em português: Mestre de Cerimônia). Os MCs surgiram no contexto da música jamaicana, atuando como uma espécie de animadores de festas. Nos Estados Unidos, o termo passou a ser empregado no universo do *hip-hop*, sendo aquele que “[...] incitava as pessoas com palavras de ordem rimadas, traduzindo geralmente questões de ordem sócio-política, especialmente temas controvertidos” (SANTANA, s.d., p. 1).

O termo “MC” se popularizou e, no Brasil, começou a ser bastante usado por cantores de gêneros musicais como o *rap* e o *funk*, de modo a integrar diversos nomes artísticos. Alguns exemplos são *MC Sapão*, *MC Kevin*, *MC Guimê*, *MC Beyoncé*, *MC Loma*, *MC Mirella*, *MC Marcinho*, *MC Koringa* e *MC Melody*. Nesta análise, no entanto, não serão abordados os usos do termo “MC” em nomes artísticos, mas sim em construções *ad hoc* que passaram a ser observadas na língua, inclusive na mídia, como *MC Cidade Alerta*, *MC 50 reais*, *MC Cuscuz*, *MC Ortobom*. Tais construções são muito usadas em redes sociais

e na internet como um todo como formas alternativas de se referir a personalidades famosas. Ao todo, foram analisadas 12 realizações desse tipo. Além das quatro já mencionadas, aparecem na nossa base de dados: *MC Basculbo*, *MC Briófitas*, *MC Detran*, *MC Jornada*, *MC Jequiti*, *MC Numanice*, *MC Tombamento* e *MC Aleluia Arrepiei*.

Após essas considerações iniciais, este artigo se organiza da seguinte maneira: a) a seção 2 trata de fundamentos dos estudos antroponímicos e de categorias propostas por diversos autores, como Leite de Vasconcelos (1928), Amaral (2011), Araujo (2013), Amaral e Seide (2020) e Soledade (2022); b) a seção 3 discute a categoria de nomes esporádicos, tomando como norte o conceito de formações esporádicas, advindo da Morfologia; c) a seção 4 introduz os fundamentos da Morfologia Construcional, inscrita nos paradigmas da Linguística Cognitiva; d) a seção 5 apresenta a análise dos dados, tanto do ponto de vista morfológico quanto do ponto de vista semântico; e, por fim, e) a seção 6 traz as considerações finais, seguidas das referências.

2 Antroponímia e as categorias de nomes de pessoas em uso no Brasil

A Antroponímia, enquanto uma área complexa de estudos, apresenta várias linhas de investigação. Entre os temas pesquisados, há: (a) ritos de nomeação de comunidades linguísticas; (b) uso de prenomes e sobrenomes; (c) questões semânticas e etimológicas; (d) formação de nomes inovadores etc. Há, ainda, espaço para a discussão da categorização dos antropônimos. Em relação à língua portuguesa, Amaral (2011) divide dois subgrupos principais: a) os nomes oficiais, ou seja, prenomes e sobrenomes, que nada mais são do que itens onomásticos reconhecidos por lei e que, juntos, integram o “ortônimo” – nome civil completo; e b) os nomes não oficiais, chamados de “alônimos” (AMARAL, 2011) ou “elementos secundários” (ARAUJO, 2013; VIEIRA, 2008), que constituem uma classe bem mais heterogênea, pois surgem a partir das relações sociais que o indivíduo estabelece nas várias esferas sociais da sua vida (profissional, familiar, artística etc.). Na próxima seção, almejamos elencar alguns tipos de alônimos, tendo como base principal, mas não exclusiva, os trabalhos de Vieira (2008), Amaral (2011), Araujo (2013), Amaral e Seide (2020) e Soledade (2022).

Dentro do contingente dos alônimos, listamos como seus representantes as seguintes categorias: apelido (ou alcunha), hipocorístico,

pseudônimo, codinome, heterônimo, nome artístico (e nome de palco), nome de guerra, nome religioso, nome social, epíteto, vulgo e nome vocatório. No decorrer da explanação, será possível perceber muitas semelhanças entre algumas categorias. A seguir, então, apresentaremos cada uma delas a partir da sua definição e de alguns exemplos.

2.1 Apelido (ou alcunha)

A escolha e a atribuição de um apelido costumam se dar por outrem que não o próprio indivíduo. Os motivos são vários e podem abarcar desde características físicas até um determinado traço do comportamento social, pejorativo ou não. Como exemplo na antroponímia brasileira, citamos o apelido do jogador de futebol Pelé, como ficou conhecido Edson Arantes do Nascimento, um dos maiores representantes do Brasil em sua profissão.

Apesar de surgirem como itens não oficiais, alguns apelidos se tornam tão indissociáveis da imagem de seu portador que, por via judicial, podem passar a integrar o nome civil, como é o caso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que adotou oficialmente o sobrenome “Lula” após ficar muito conhecido por esse apelido no cenário da política brasileira.

2.2 Hipocorístico

O hipocorístico diferencia-se do apelido por critérios morfológicos, tendo em vista que guarda relações muito próximas com seus(s) antropônimo(s) de origem a partir dos recursos da abreviação, diminutivo, aumentativo etc. De acordo com Vasconcellos (1928, p. 454): “A nossa lingua abunda de hipocorísticos. Ha-os de duas especies: hipocorísticos correspondentes a um só nome, ou nome simples [...] e correspondentes a dois, isto é, a um nome duplo [...]”. Nesse sentido, todo hipocorístico pode ser considerado um apelido, mas nem todo apelido corresponde a um hipocorístico, de modo que um mesmo antropônimo pode ter mais de um hipocorístico, enquanto um mesmo hipocorístico pode se referir a antropônimos diferentes.

Na literatura que estuda o assunto, como em Gonçalves (2016a), lê-se que os hipocorísticos se reservam ao âmbito familiar ou afetivo, porém não são raros os casos em que hipocorísticos passam a prenomes, como em Lili,

Dudu, Fafá e Zeca¹. No quadro personativo brasileiro, temos os exemplos do cantor e compositor João Eduardo de Salles Nobre, que atende por Dudu Nobre, e da comediantes e apresentadora Talita Werneck Arguelhes, reconhecida pelo hipocorístico Tatá (Werneck).

2.3 Pseudônimo

A principal diferença de um pseudônimo em relação a um apelido comum é que o pseudônimo é escolhido pelo próprio indivíduo, que pode ou não ter seu nome civil encoberto. Segundo Leite de Vasconcellos (1928, p. 436-437): “O pseudonimo pode não só substituir um nome proprio, mas um nome completo, e usam-no homens e mulheres. Parece que o uso de pseudonimos data principalmente da epoca do Renascimento e da invenção da imprensa”. Na antroponímia brasileira, temos o caso do cantor e compositor Chico Buarque que, impedido de gravar suas próprias canções em um dado período da ditadura, teve que usar o pseudônimo Julinho da Adelaide, que aparece como autor de canções como “Acorda, amor” e “Jorge Maravilha”.

2.4 Codinome

O codinome é utilizado para ocultar identidades e pode ser escolhido tanto pelo próprio indivíduo como por outro. Para Amaral (2011, p. 73-74): “Nesse caso, incluímo-lo como um antropônimo de acepção próxima à do pseudônimo”. Amaral (2011) exemplifica essa categoria com o caso de um guerrilheiro chamado Bergson Gurjão Farias, que usava o codinome Farias.

2.5 Heterônimo

É comum encontrarmos exemplos de heterônimos no âmbito das Artes, como no meio literário, tendo em vista que esse é um item onomástico que atua como uma espécie de segunda personalidade. Em muitos casos, ao se valer de um heterônimo, um escritor pode demonstrar outros estilos, discursos, opiniões e tendências em sua escrita. Exemplos muitos famosos na

¹ Encontrados na página Nomes no Brasil, hospedada no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente ao Censo de 2010.

literatura portuguesa se referem ao poeta e escritor Fernando Pessoa, que também publicava a partir de seus heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. No Brasil, há o caso da cantora e compositora Adriana Calcanhotto, que possui o heterônimo Adriana Partimpim, voltado para o público infantil, com um repertório próprio, significativamente diferente do repertório da versão Calcanhotto.

2.6 Nome artístico, nome de palco e nome de fama

O nome artístico (ou nome de palco), segundo Amaral (2011), é um item onomástico empregado para substituir o nome civil de um indivíduo em sua atividade profissional em áreas como música, cinema, teatro e afins. Esse item pode fazer referência ou não ao nome civil de seu portador e também pode ou não ser escolhido pelo próprio indivíduo. Na antroponímia brasileira, temos o exemplo do ator Lima Duarte, que atende pelo nome civil Ariclendes Venâncio Martins. Nesse caso, o nome artístico e o nome civil são completamente diferentes. No caso da já citada comediantes e apresentadora Talita Werneck Arguelhes, seu nome artístico guarda semelhanças com o nome de batismo, uma vez que utiliza o hipocorístico Tatá (Werneck).

Soledade (2022) propõe a categoria “nome de fama” como algo mais abrangente, que inclui tanto os nomes artísticos/nomes de palco quanto os chamados “nomes de urna/nomes parlamentares” (AMARAL; SEIDE, 2020). Sobre isso, a autora comenta:

Estamos propondo reunir nessa categoria aquilo que Amaral (2007) denomina de nome artístico e nome de palco e também aquilo que Amaral e Seide (2020) chamam de nome de urna e nome parlamentar. Em verdade, a nossa proposta é que essa categoria englobe todos os antropônimos que, não necessariamente coincidentes com elementos do nome civil completo, passam a integrar a identificação do indivíduo que obteve ou visa obter fama através dessa nomeação (SOLEDADE, 2022, p. 88-89).

2.7 Nome de guerra

Esse item onomástico também apresenta similaridades com outras categorias de alônimos, a exemplo dos codinomes e do nome artístico. No caso dos nomes de guerra, porém, a diferença reside no fato de que estes são

usados em ambientes ainda mais restritos, que não envolvem nem mesmo a redoma familiar. Nesse sentido, Vasconcellos (1928, p. 441, grifo do autor) explica que: “O *nome de guerra*, que tem quase sempre aspecto um tanto fóra do comum, disfarça, no uso geral, o nome de um individuo que por qualquer circunstancia, boa ou má, se salienta na roda em que vive [...]”.

Dentre os principais ambientes para a ocorrências desses nomes estão o militar, a prostituição e o crime organizado. É por encobrir o nome civil de um indivíduo em contextos tão específicos como esses que o nome de guerra guarda relações muito próximas com o codinome, sendo praticamente indistintos. Na antroponímia brasileira, temos o exemplo de Bruna Surfistinha, famosa ex-garota de programa que atende pelo nome civil de Raquel Pacheco.

2.8 Nome religioso

O nome religioso substitui o nome civil de membros de comunidades devotas relacionadas a diferentes religiões e cultos, podendo ser escolhido também por diferentes razões. Na Igreja Católica, temos o exemplo do nome papal, que é um tipo de nome religioso utilizado pelos pontífices durante o seu papado e que costuma ser eleito a partir da consideração de muitos simbolismos. Apesar de ser um costume antigo que remonta ao século VI, não é considerado uma obrigação. Outro exemplo, que ficou muito famoso no Brasil nos últimos anos devido a diversos casos de escândalos sexuais veiculados na mídia, é o do médium João de Deus, que atende pelo nome civil de João Teixeira de Faria. No candomblé, temos também o exemplo de Mãe Menininha do Gantois, ou Maria Escolástica da Conceição Nazaré, em seu registro de batismo, que foi uma das ialorixás mais famosas da Bahia e do Brasil.

2.9 Nome social

O emprego do nome social corresponde à substituição de um prenome por outro. Essa alteração ocorre a fim de estabelecer maior reconhecimento e representação entre o indivíduo e o nome que carrega. É um item onomástico geralmente adotado por pessoas transgênero que, por não se identificarem com o seu gênero de nascimento, frequentemente também não se identificam com seu nome civil, tendo em vista que grande parte dos antropônimos brasileiros revela indicações de gênero em seu meio

social. No âmbito jurídico, Amaral e Seide (2020, p. 94) explicam que o nome social ainda

[...] não está normatizado em nenhuma lei, mas é definido e reconhecido por um decreto. Em 2016, a então Presidente da República, Dilma Roussef, edita o Decreto nº 8.727, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Nesse decreto, o nome social é definido da seguinte forma: ‘designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida’ (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 94).

Na nossa antroponímia, temos o exemplo do ator e modelo transgênero Tarso Brant, registrado como Tarso Alexandre da Silva Borges, mas que, ao nascer, atendia pelo nome civil de Tereza Cristhina da Silva Borges. No caso de Tarso, além da mudança do prenome, há também a adoção do nome artístico Brant que, segundo ele, passará a ser o seu nome social² – ou seja, há a atuação de dois alônimos.

2.10 Epíteto

O epíteto é uma expressão adjungida ao nome, atribuindo alguma qualidade ou título ao indivíduo. São exemplos: Pelé, o rei do futebol, Chacrinha, o velho guerreiro, e Xuxa, a rainha dos baixinhos. Nesses exemplos, o epíteto é o sintagma nominal que acompanha os antropônimos.

2.11 Vulgo

O vulgo, nos termos de Araujo (2013), é um item onomástico utilizado em atividades ilícitas³. Trata-se de uma categoria que se relaciona tanto com o apelido/alcunha quanto com o nome de guerra. Exemplo de vulgo dado por Araujo (2013) é o caso de Luiz Fernando da Costa, vulgo Fernandinho Beira-Mar.

² É possível conferir a notícia no *site*: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/t-brant-anuncia-seu-novo-nome-social-conheca>. Acesso em: 06 jul 2022.

³ Vale ressaltar que a expressão *vulgo* é facilmente encontrada em usos que não se referem a atividades ilícitas, sinalizando simplesmente um nome pelo qual a pessoa é mais conhecida.

2.12 Nome vocatório

É aquele pelo qual o indivíduo se torna conhecido e normalmente é uma abreviação do nome civil, como ACM Neto (Antônio Carlos Magalhães Neto, político brasileiro) e PC Siqueira (Paulo César Siqueira, blogueiro e apresentador brasileiro).

3 Nomes esporádicos: uma proposta de classificação para os nomes instanciados pelo padrão [MC X]_N

3.1 A categoria de nomes esporádicos: fundamentos antroponomásticos

Após a apresentação das categorias de alônimos verificadas no quadro antroponímico brasileiro, feita na última seção, podemos estabelecer semelhanças e dessemelhanças quanto ao padrão [MC X]_N que almejamos analisar mais detidamente neste trabalho. O primeiro ponto a ser salientado é que a formação [MC X]_N ocorre num contexto muito específico dentro da categoria dos alônimos. Isso porque, a partir dos exemplos outrora apresentados de *MC Sapão*, *MC Kevin*, *MC Guimê*, *MC Beyoncé*, *MC Loma*, *MC Mirella*, *MC Marcinho*, *MC Koringa* e *MC Melody*, de um lado, e *MC Cidade Alerta*, *MC 50 reais*, *MC Cuscuz* e *MC Ortobom*, de outro, é possível notar uma diferença evidente.

O primeiro grupo corresponderia, de fato, à categoria chamada de “nome artístico/nome de palco”, quando há substituição do nome civil do indivíduo em ambientes ligados às artes, de modo geral. Nesses casos, apesar de serem frequentemente escolhidos pelos próprios indivíduos, a maior característica que podemos sublinhar é a consolidação do nome artístico, que costuma ser válido durante toda a carreira dessa pessoa ou até mesmo durante toda a vida, chegando a extrapolar o ambiente profissional e a atuar também em outros ambientes, como no familiar.

O segundo grupo, porém, apresenta construções efêmeras e muito específicas a um dado contexto. Neste artigo, estamos chamando essas realizações de “nomes esporádicos”. Vejamos os casos de *MC 50 reais*, *MC Cuscuz* e *MC Ortobom*, diante dos quais só conseguimos recuperar os seus referentes se determinadas pistas estiverem disponíveis. Muitos indivíduos poderiam não entender que *MC 50 reais* se refere à cantora Naiara Azevedo

devido à sua música de mesmo nome, “50 reais” (que ficou famosa em todo o Brasil na segunda metade dos anos 2010), se nunca tiverem ouvido essa música ou tomado conhecimento dela. O mesmo caso é verificado em *MC Cuscuz*, quando apenas telespectadores ou alguém com um conhecimento mínimo acerca do programa televisivo Big Brother Brasil poderia associar tal formação à campeã da edição de 2021, Juliette Freire. A associação, nesse caso, se dá pelo fato de Juliette ser nordestina, região do Brasil que tem o cuscuz enquanto forte tradição culinária. Temos ainda o exemplo de *MC Ortobom*, que mais uma vez está relacionado ao programa Big Brother Brasil e, mais especificamente, à participante Pocah, também da edição de 2021. A ligação se dá porque Pocah foi mostrada muitas vezes ao grande público enquanto dormia, o que gerou uma associação com a Ortobom, famosa empresa de colchões e artigos destinados ao sono.

Desta feita, as construções [MC X]_N alusivas ao segundo grupo não chegam a atuar na língua enquanto pertencentes a nenhuma das categorias de alônimos elencadas. Na verdade, essas construções ativam uma interface entre as categorias de nomes artísticos/nomes de palco, apelidos e epítetos. Sobre a aproximação dos nomes esporádicos com o padrão [MC X]_N acerca das referidas categorias, podemos afirmar que: a) a afinidade com os nomes artísticos se dá pelo fato de esse novo padrão ser herdado de um mais antigo, responsável por instanciar muitos nomes artísticos na língua; além disso, são realizações disponíveis apenas para pessoas relativamente famosas, mas esses novos nomes se distanciam da categoria “nome artístico” no momento em que não se cristalizam a ponto de se tornarem de fácil referência em relação ao nomeado; b) com o apelido, essas construções [MC X]_N compartilham o fato de serem denominações atribuída por outrem; c) por fim, a semelhança com o epíteto é de natureza mais formal, por conta da estrutura sintagmática semelhante, mas os nomes esporádicos com [MC X]_N não se tornam um antropônimo pelo qual os nomeados são popularmente conhecidos. Muitas vezes, esses nomes esporádicos nem chegam ao conhecimento dos próprios indivíduos que serviram de referência, estando situados em contextos muito específicos e denotando certo tom jocoso ou até mesmo pejorativo.

Outro aspecto que merece ser comentado é a proximidade do fenômeno apresentado com a chamada antonomásia. Segundo Henriques (2011),

Alcunhas, apelidos, epítetos, cognomes... Tudo isso é a mesma coisa que ANTONOMÁSIA, nome da figura que consiste em empregar um substantivo comum ou uma expressão substantiva como substituto de um nome próprio, seja nome de pessoa (ANTROPÔNIMO) ou de lugar (TOPÔNIMO). A motivação para que se crie uma alcunha é sempre metafórica ou metonímica, mas as razões para isso nem sempre são conhecidas (HENRIQUES, 2011, p. 106).

Exemplos de Henriques (2011) para o fenômeno de antonomásia são “Rainha do Rock”, para a cantora Rita Lee, e “Cidade Maravilhosa”, para a cidade do Rio de Janeiro. A antonomásia é um fenômeno guarda-chuva que abarca vários antropônimos não oficiais, incluindo as construções aqui estudadas. Entretanto, atribuir exclusivamente esse rótulo aos nomes esporádicos com MC esconde especificidades da atribuição dos nomes, sobretudo no que diz respeito à categorização, uma vez que a observação das categorias apresentadas por Amaral (2011) e Araujo (2013) mostra que elas não dão conta integralmente dos nomes estudados e não podem ser abordadas de maneira estanque. Há vários casos de antropônimos que ficam em posições fronteiriças ou que não reúnem todos os traços característicos de uma determinada categoria.

3.2 A categoria de nomes esporádicos: fundamentos morfolexicais

Bauer (1983), no livro *English Word-Formation* (ou *Formação de palavras em inglês*), discute o processo de cunhagem de novos itens lexicais, partindo do momento em que o falante cria um item até o instante em que esse é aceito por um grupo de falantes e, mais tarde, entra em dicionários da língua. O autor chama o primeiro estágio de *nonce formation*. Esse conceito foi difundido no Brasil por meio do trabalho de Rocha (1998), que o chama de “formação esporádica”. Nas palavras de Bauer (1983), uma formação esporádica pode ser definida da seguinte maneira:

Uma **formação esporádica** pode ser definida como uma nova palavra complexa cunhada por um falante/escritor no calor do momento para dar conta de uma necessidade imediata. Essa definição admite novas palavras como formações esporádicas mesmo quando são totalmente regulares, e mesmo que venham a ser aceitas na comunidade linguística: nem todos os estudiosos concordariam necessariamente com a definição formulada em termos tão amplos. É perfeitamente concebível

que a mesma forma possa ser cunhada por diferentes falantes, em diferentes tempos, ou muito próximos no tempo (como quando aparece um novo objeto que requer um nome), sem afetar o status do item como uma formação esporádica (BAUER, 1983, p. 45, tradução nossa⁴, grifos do autor).

Quando essa formação esporádica começa a ser aceita por uma comunidade de falantes e se difunde, ela se torna, nos termos de Bauer (1983), institucionalizada. Sobre esse processo, o autor comenta:

O próximo estágio na história de um lexema é quando a formação esporádica começa a ser aceita por outros falantes como um item lexical. Típico desse estágio (especialmente para os compostos) é que a ambiguidade potencial é ignorada, e apenas alguns dos significados possíveis da forma são usados (às vezes, apenas um). Então, por exemplo, não há nada na forma *telephone box* que a impeça de significar uma caixa em forma de telefone, uma caixa que está localizada em/perto de um telefone, uma caixa que funciona como um telefone, e por aí vai. É apenas porque o item é familiar que o falante-ouvinte sabe que é sinônimo de *telephone kiosk*, no sentido usual de cabine telefônica. Nos termos de Meys (1975), *telephone box* passou de **tipo familiar** para ser **item familiar**: não é apenas a construção que é reconhecida, mas o lexema particular. O termo torna-se **institucionalizado**. Qualquer lexema institucionalizado será transparente (BAUER, 1983, p. 48, tradução nossa⁵, grifos do autor).

⁴ No original: “A **nonce formation** can be defined as a new complex word coined by a speaker/writer on the spur of the moment to cover some immediate need. This definition admits new words as nonce formations even when they are totally regular, and even if they go on to become accepted in the language community: not all scholars would necessarily agree with a definition cast in such broad terms. It is perfectly conceivable that the same form should be coined by different speakers, either at different times, or very close together in time (as when some new object appears which requires a name) without affecting the item’s status as a nonce formation” (BAUER, 1983, p. 45, grifos do autor).

⁵ No original: “The next stage in the history of a lexeme is when the nonce formation starts to be accepted by other speakers as a known lexical item. Typical of this stage (especially for compounds) is that the potential ambiguity is ignored, and only some of the possible meanings of the form are used (sometimes only one). Thus, for example, there is nothing in the form *telephone box* to prevent it from meaning a box shaped like a telephone, a box which is located at/by a telephone, a box which functions as a telephone, and so on. It is only because the item is familiar that the speaker-listener knows that it is synonymous with *telephone kiosk*, in the usual meaning of *telephone kiosk*. In Meys’s terms (1975), *telephone box* has gone from being **type familiar** to being **item familiar**: it is not just the construction which is recognized, but the particular lexeme. The term has become **institutionalized**. Any institutionalized lexeme will be transparent” (BAUER, 1983, p. 48, grifos do autor).

Para melhor explicar a proposta de Bauer (1983), sejam tomados os três contextos a seguir, com os itens *parabenizar*, *desler*, *paquital* e *xuxal*:

- (1) Somente temos a *parabenisar* o afamado full-back, por este invejável triumpho (JORNAL PEQUENO, 1919, *apud* MARONEZE; SIMÕES NETO; VIARO, 2021, p. 144).
- (2) Réplica: Quando ‘*desler*’ se associa à ideia de prazer do leitor (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).
- (3) - Oi, Tidinha, tudo bem, Tidinha?
 - Tudo ótimo! Oi, gente! Um superbeijo, galera!
 - Tidinha, você é fã da Xuxa?
 - Eu amo a Xuxa.
 - Seu look é inspirado na Xuxa?
 - É um look meio *paquital*, *xuxal*.
 (SUPER POP, 2012, transcrição).

Todas as formas destacadas de (1) a (3) passaram pelo estágio de “formação esporádica”. O verbo *parabenisar* (grafia oficial: *parabenizar*), em (1), é amplamente usado no português do Brasil do século XXI, mas foi rechaçado por quase 50 anos até ser aceito e, posteriormente, dicionarizado. Maroneze, Simões Neto e Viaro (2021) rastream algumas das mais antigas ocorrências desse verbo, sendo uma delas a do *Jornal Pequeno*, em 1919, que está reproduzida em (1). O item *parabenizar*, hoje bastante usado por falantes das mais variadas camadas sociais, consta em dicionários da língua e pode, portanto, ser chamado de “formação institucionalizada”, visto que já é aceito pela comunidade.

O item *desler*, em (2), parece ter surgido no contexto da internet para se referir a situações em que a pessoa gostaria de não ter lido algo que leu: “queria *desler*”. A formação *desler* causa estranheza inicial, uma vez que o ato de ler é algo que não poder ser revertido, como acontece com outras formações com o prefixo *des-*, tais como *desligar*, *destampar*, *desamassar* etc. Entretanto, esse item se generalizou na internet e chegou a aparecer em um dos jornais de maior reconhecimento no país, o *Folha de São Paulo*. Ainda que o contexto em (2) sugira um estranhamento do autor, por conta de uso de aspas simples, reforça a institucionalização do item, como se pode ver em mais de 600 mil realizações apontadas pelo *site* Google, quando se coloca o item *desler* na barra de busca.

Os itens destacados em (3), *paquital* e *xuxal*, apareceram na fala de Tidinha, personalidade que se tornou relativamente conhecida por se vestir e falar como a apresentadora Xuxa. Os itens *paquital*, “relativo às Paquitas”, e *xuxal*, “relativo a Xuxa”, são adjetivos relacionais, como *mensal*, *dental*, *bucal* e *manual*, que também apresentam o sufixo *-al*. Embora as formas *paquital* e *xuxal* sejam plenamente compreensíveis do ponto de vista do tipo, pois têm o significado recorrente de “relativo a”, comum às formações em *-al*, não se difundiram entre os demais falantes, logo não se institucionalizaram na língua.

As formações de (1) a (3) apresentam diferentes níveis de difusão e aceitação. Todas são plenamente interpretáveis, porque os falantes já tiveram contato com outras formações relacionadas e porque já se encontram institucionalizadas na língua. O cotejo entre os dados apresentados permite ver que, em alguns casos, formações esporádicas são construções *ad hoc*. Ainda que os exemplos sejam casos de derivação, os compostos também passam por esses estágios.

Simões Neto (2018), em trabalho sobre compostos com *síndrome*, elenca exemplos como *síndrome de Down*, *síndrome de Asperger*, *síndrome de Túnel do Carpo*, que já são institucionalizados na literatura da Medicina, e outros que são casos *ad hoc*, como *síndrome de virginiano*, *síndrome de índio* e *síndrome de Luciano Huck*. O autor chama a atenção para *síndrome de Peterpan*, que nasce como uma formação esporádica, para retratar um comportamento atípico de um adulto que não quer amadurecer, mas se institucionaliza no âmbito da Psicologia.

Ainda que a reflexão apresentada até aqui, acerca de formações esporádicas e institucionalizadas, tenha se voltado à derivação e à composição no léxico comum, ela pode se aplicar também ao léxico onomástico. As construções com “MC”, analisadas neste artigo, surgem como formações antropônicas esporádicas que são atribuídas a personalidades famosas no Brasil. Os exemplos de *MC Cuscuz*, *MC 50 reais*, *MC Cidade Alerta*, *MC Atestado* e *MC Sapatênis* nascem de um desejo do falante em externar alguma impressão, geralmente negativa ou estereotipada, do nomeado.

4 A Morfologia Construcional e a formulação de esquemas

A Morfologia Construcional é um modelo de análise morfológica que parte da noção de construção como um pareamento entre forma e significado, tal como se defende na Gramática de Construções de orientação cognitivo-funcional (GOLDBERG, 1995, 2006). Nessa abordagem, acredita-se que a

língua seja uma rede de construções em que construções menos complexas se compatibilizam para formar construções mais complexas. Essa visão tem se ancorado em vários princípios teóricos da Linguística Cognitiva, que tem como alguns de seus primeiros representantes os estudiosos George Lakoff, Mark Johnson, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, dentre outros. Esses estudiosos são, em sua maioria, dissidentes de teorias formalistas que não atribuíam à Semântica um papel relevante nas dinâmicas da linguagem. Assim, na Morfologia Construcional, o estudo das construções morfológicas deve levar em conta os aspectos semânticos, não havendo a possibilidade de tratar de construções defectivas, aquelas que apresentam contraparte formal, mas não apresentam a contraparte do significado.

O principal proponente da Morfologia Construcional é o holandês Geert Booij, autor do livro *Construction Morphology* (BOOIJ, 2010), obra de referência. No Brasil, Carlos Alexandre Gonçalves (2016b) lançou o livro *Morfologia Construcional: uma introdução*, que apresenta os pressupostos teóricos e aplica-os a dados do português. Nessa abordagem, o processo de formação de novas palavras, pautado no uso concreto (*usage-based model*), passa pela abstração que o falante realiza a respeito de um padrão recorrente em sua língua, sobretudo por meio do mecanismo cognitivo da analogia. A partir da apreensão desse padrão, é possível chegar à formulação de esquemas, tendo em vista que

Os padrões de formação de palavras podem ser vistos como esquemas abstratos que generalizam conjuntos de palavras complexas existentes com uma correlação sistemática entre forma e significado. Esses esquemas também especificam como novas palavras complexas podem ser criadas (BOOIJ, 2007, p. 34, tradução nossa⁶).

Por exemplo, um falante do português exposto a realizações como *orelhudo*, *beijudo*, *peitudo* e *barrigudo*, pode apreender um esquema com as seguintes informações: a) o formativo recorrente é *-udo*; b) esse formativo se compatibiliza com substantivos para formar adjetivos; c) o significado dos adjetivos passa pela ideia de “que tem X proeminente”. Assim, esse falante abstrai um esquema como o representado a seguir:

⁶ No original: “Word formation patterns can be seen as abstract schemas that generalize over sets of existing complex words with a systematic correlation between form and meaning. These schemas also specify how new complex words can be created”.

[[X_{Ni}]-udo]_{Aj} ↔ [QUE TEM SEM_{Ni} PROEMINENTE]_j>

O mesmo falante do português, lidando com outras realizações, tais como *borrachudo*, *abelhudo* e *sapudo*, pode abstrair outro esquema, cujo significado não tem a ver com proeminência, mas sim semelhança. A mesma contraparte formal se associa a dois significados, o que caracteriza a polissemia do esquema, rerepresentado a seguir:



A polissemia pode atuar de forma produtiva em um esquema, requerendo uma hierarquização das construções em termos de subesquemas, macro e microconstruções. A polissemia a que nos referimos aqui pode advir não só de relações metafóricas e metonímicas, mas também de: a) relações de instanciação: quando a polissemia incide em uma realização específica de um determinado esquema como, por exemplo, o esquema N_{prep}N com significado de origem/localização em relação aos padrões X de Taubaté, X de Itu e X do Paraguai (SIMÕES NETO, 2019); b) relações de subparte: quando apenas partes das propriedades do esquema mais geral são aproveitadas nos esquemas mais específicos.

5 Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados encontrados, começando pela caracterização morfológica e construcional do padrão analisado e seguindo com a explicação dos aspectos semânticos e motivacionais envolvidos.

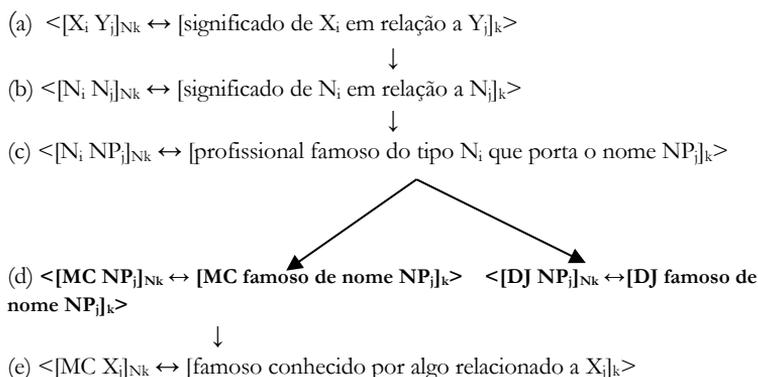
5.1 A construção morfológica

Se precisarmos classificar a construção [MC X]_N do ponto de vista morfológico, parece razoável considerá-la como um caso de composição, entendida aqui nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016). Para essas autoras,

dentre as várias propriedades que um composto deve apresentar, estão: a) ser uma unidade multilexical que congrega um conjunto fixo de palavras e/ou radicais; b) ter uma forte coesão interna, com ordem não mutável, difícil inserção de elementos intervenientes e escassa possibilidade de aumento ou redução dos itens; c) ter uma forte integração semântica, muitas vezes de caráter holístico, e o significado do composto pode não ser alcançado tão somente pela soma das partes envolvidas.

A construção [MC X]_N se aproxima de outras construções de compostos com um conjunto semifixo de unidades envolvidas. Faria (2009) analisou compostos com *bolsa*, *vale*, *auxílio* e *seguro*. Esses compostos nome-nome (NN) apresentam uma parte fixa e outra variável e têm como exemplos: *bolsa-família*, *bolsa-atleta*, *vale-transporte*, *vale-refeição*, *auxílio-funeral*, *auxílio-paletó*, *seguro-desemprego* etc. Simões Neto (2018), por seu turno, analisou os já mencionados casos em que a parte fixa está com *síndrome* e *complexo* (*síndrome de Down*, *complexo de Édipo*, *síndrome de Peterpan*, *complexo de vira-lata*). Esses compostos, em sua maioria, são do tipo NprepN (nome + preposição + nome). Santos e Simões Neto (2020) analisaram construções N-mor na história portuguesa, encontrando casos como *capela-mor*, *capitão-mor*, *cantor-mor*, *fetiche-mor*, *breguice-mor*, *ladrão-mor*, *viado-mor*, entre outros. Por último, Rodrigues e Simões Neto (2022, no prelo) trabalharam com compostos com *Alto* e *Beco* em topônimos soteropolitanos, como *Alto do Peru*, *Alto do Cabrito*, *Beco das Quebranças* e *Beco do Mingau*.

Esse último trabalho, de Rodrigues e Simões Neto (2022, no prelo), tem uma relação especial com este trabalho sobre as [MC X]_N, pois se volta às construções onomásticas. Desde Soledade (2018a; 2019; 2021; 2022), Rodrigues (2016; 2019; 2020), Simões Neto e Soledade (2018) e Soledade, Rodrigues e Simões Neto (2021), é possível observar que as construções onomásticas não demandam um tratamento tão diferente das construções do léxico comum. Ou seja, os entendimentos acerca de processos morfológicos de formação de palavras servem tanto para o léxico comum quanto para o léxico onomástico. Por esse motivo, não há qualquer estranheza em analisar os nomes em [MC X]_N como espécimes de compostos. Dito isso, apresentamos a seguir a nossa proposta de análise construcional dos antropônimos esporádicos com *MC* no português brasileiro.



Em (a), no nó mais alto da representação, está o padrão construcional mais básico de compostos com duas entradas lexicais envolvidas. Nesse primeiro momento, não há especificação de categorias e o significado genérico é dado pela relação de uma entrada lexical com a outra. Em (b), especificam-se as categorias envolvidas. A construção é tratada como sendo do tipo NN e o significado se dá na relação do primeiro nome com o segundo. Em (c), a construção se torna mais especificada. Do ponto de vista formal, há uma especificação de que o segundo nome tem que ser um nome próprio (NP). Do ponto de vista semântico, indica-se que o primeiro nome é comum e designa um tipo específico de profissional. Em (d), o quarto nível, há exemplos de preenchimento do primeiro nome do esquema com as profissões de MC e DJ (do inglês, *disc jockey*). São exemplos de instanciações desses padrões os MCs já mencionados (*MC Sapão*, *MC Kevin*, *MC Guimê*, *MC Beyoncé*, *MC Loma*, *MC Mirella*, *MC Marcinho*, *MC Koringa* e *MC Melody*) e os DJs (*DJ Malboro*, *DJ Alok*, *DJ Ivis*, *DJ Markey*, *DJ Due* e *DJ Memê*).

O nó em (e), quinto e último nível do esquema construcional apresentado, é o que, de fato, se analisa neste artigo. Acreditamos que o padrão que instancia realizações como *MC Cuscuç*, *MC 50 reais* e *MC Ortobom* esteja ligado com o padrão de construções MC de nomes artísticos, por uma relação de subparte. Do ponto de vista morfológico, mantém-se a parte fixa do esquema, enquanto a parte variável não é mais, necessariamente, um antropônimo. No que toca ao significado, o elemento MC já não corresponde a uma contraparte semântica relacionada ao profissional “mestre de cerimônias”. A propriedade que se manteve é o fato de ser uma pessoa famosa, independentemente da profissão.

5.2 Aspectos semânticos e motivacionais

A tradição morfológica de orientação formalista concentrou seus esforços na análise de fenômenos regulares tanto do ponto de vista formal quanto semântico, apostando numa visão composicional das construções da língua, em que o todo é a soma das partes envolvidas, e tratando como excepcionais ou marginais as construções cujos significados só podem ser bem analisados por uma visão holística. Nesse sentido, o diálogo entre os arcabouços teóricos da Morfologia Construcional e da Semântica Cognitiva se mostra profícuo, na medida em que reconhece a capacidade de o falante abstrair esquemas a partir de eventos gerais de uso, ao mesmo tempo que permite sistematizar as individualidades de cada realização partindo do reconhecimento da recorrência de determinados padrões metonímicos e metafóricos.

Nos trabalhos de Lopes (2016), Soledade (2018b) e Simões Neto (2018; 2020), é possível encontrar análises de construções morfológicas de prefixação, sufixação e composição que levam em conta a incidência da metáfora e da metonímia na elaboração do significado. Por exemplo, Simões Neto (2020) menciona o caso da palavra arcaica *çaquiteyro/saquiteiro*, que designava a pessoa que entregava o pão na Casa Real. A base *çaquito/saquito* é tomada metonimicamente, num esquema de CONTINENTE PELO CONTEÚDO (*saquito* pelo *pão*). Da mesma maneira, Simões Neto (2020) mostra casos de palavras derivadas em línguas românicas que acionam a metáfora HOMEM É ANIMAL. São exemplos o português *raposeiro* (base: *raposa*/ significado metafórico: pessoa esperta), o espanhol *alacrán* (base: *alacrán* “escorpião, lacrau”; significado metafórico: “reunião de pessoas ardilosas e inescrupulosas”) e o italiano *moscaio* (base: *mosca*; significado metafórico: “reunião de pessoas chatas”). Esses trabalhos mostram que o significado dos elementos envolvidos nas construções de palavras complexas pode ser herdado metafóricamente ou metonimicamente.

Diante disso, propomos, neste artigo, que no caso do padrão [MC X]_N, os elementos que preenchem o *slot* X do esquema são herdados metonimicamente, em princípio, podendo haver casos de heranças metafóricas. No Quadro 1, são apresentadas as análises dos dados coletados.

Quadro 1 – Padrões metonímicos em antropônimos esporádicos com MC

<p>Realização: MC 50 reais</p> <p>Pessoa nomeada: Naiara Azevedo, cantora brasileira e ex-participante do BBB22.</p> <p>Contexto: “Eu realmente não suporto a voz da <i>MC 50 Reais</i>. Além dessa Slowvenia. Tô quase desistindo desse #bbb22” (Twitter, @Moogafar, 2022)⁷</p> <p>Motivação: A música “50 reais” é o maior sucesso da cantora Naiara Azevedo. Dessa maneira, usa-se uma determinada produção da cantora para se referir a ela.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; CANTOR PELA CANÇÃO</p>
<p>Realização: MC Aleluia Arrepiei</p> <p>Pessoa nomeada: Rafa Kalimann, apresentadora e ex-participante do BBB20.</p> <p>Contexto: “amiga jojo ate da pra passar pano por todo histórico de vida dela. A <i>mc aleluia arrepiei</i> foi delírio coletivo e o rodolfo nem merecia estar ali, homem hetero em reality show em 2021?” (Twitter, @felipedoceu, 2021)⁸</p> <p>Motivação: “Aleluia arrepiei” virou uma espécie de bordão da participante no BBB20.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; FALANTE PELO DISCURSO</p>
<p>Realização: MC Basculho</p> <p>Pessoa nomeada: Gilberto Nogueira, ex-participante do BBB21.</p> <p>Contexto: “o <i>mc basculho</i> mirou na lacrada e acertou na autocritica pro próprio fandom” (Twitter, @comentseve, 2021)⁹</p> <p>Motivação: Na sua participação no BBB20, Gilberto Nogueira usou o ditado “Eu não nasci no lixo pra perder pra basculho”, comum no Nordeste e pouco conhecido no restante do Brasil. Na ocasião, o participante brigava com Pocah, também participante. MC Basculho também é usado para se referir a Pocah.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; FALANTE PELO DISCURSO</p>
<p>Realização: MC Briófitas</p> <p>Pessoa nomeada: Jessilane Alves, participante do BBB22.</p> <p>Contexto: “<i>Mc briófitas</i> do caralho mano era só ficar quieta e não falar nada mano que raiva” (Twitter, @oh_MarcoMolina, 2022)¹⁰</p> <p>Motivação: A participante do BBB22 é professora de Biologia e o termo “briófitas” se faz presente nessa área.</p> <p>Padrões detectados: TRABALHADOR PELO TRABALHO; PROFESSOR PELA DISCIPLINA</p>
<p>Realização: MC Cidade Alerta</p> <p>Pessoa nomeada: Felipe Prior, ex-participante do BBB20.</p> <p>Contexto: “O Cudrigo tentando ser o iconico Prior, nosso querido <i>MC Cidade Alerta</i>” (Twitter, @jhdibrhm, 2022)¹¹</p> <p>Motivação: Felipe Prior foi acusado de estupro após a sua participação no BBB20. Cidade Alerta é um programa da Rede Bandeirantes que dedica boa parte da sua pauta à exposição e exploração de crimes hediondos.</p> <p>Padrões detectados: CRIMINOSO PELO CRIME; PARTE PELO TODO</p>
<p>Realização: MC Cuscuz</p> <p>Pessoa nomeada: Juliette Freire, ex-participante do BBB21 e cantora.</p> <p>Contexto: “Não gnt nessa eu tenho que bater palma pra <i>Mc cuscuz</i> pois isso aqui foi de fuder” (Twitter, @sailorwestwood, 2022)¹²</p> <p>Motivação: Juliette Freire é paraibana e ressaltou a sua origem nordestina durante sua participação no programa, do qual saiu campeã. O cuscuz é um alimento típico da culinária nordestina e foi defendido pela participante.</p> <p>Padrões detectados: FALANTE PELO DISCURSO; PARTE PELO TODO</p>
<p>Realização: MC Detran</p> <p>Pessoa nomeada: Olivia Rodrigo, cantora norte-americana.</p>

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/Moogafar/status/1489059634111565824>. Acesso em 17 fev. 2022.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/felipedoceu/status/1356378562178281476>. Acesso em 17 fev. 2022.

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/comentseve/status/1457872524822331392>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁰ Disponível em: https://twitter.com/oh_MarcoMolina/status/1489327614028357637. Acesso em 17 fev. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/jhdibrhm/status/1487980599197540359>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/sailorwestwood/status/1486663446762508288>. Acesso em 17 fev. 2022.

<p>Contexto: “Sla lembrei do dia que tava no carro da autoescola e começou a tocar a música da <i>MC Detran</i>. Foi legal, mal consegui me concentrar pra mudar de marcha” (Twitter, @marinaavrl, 2022)¹³</p> <p>Motivação: Por conta do sucesso da canção “Drivers license”, que começa falando que ela tirou a carteira de motorista e usa vários elementos relacionados ao trânsito.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; CANTOR PELA CANÇÃO</p>
<p>Realização: MC Jequití</p> <p>Pessoa nomeada: Thiago Abravanel, ator, cantor, participante do BBB22 e neto de Sílvio Santos, apresentador e dono do canal SBT.</p> <p>Contexto: “quem tem medo de se comprometer é o <i>mc Jequití</i> #BBB22” (Twitter, @carvalhodiego, 2022)¹⁴</p> <p>Motivação: A linha de cosméticos Jequití faz parte do Grupo Silvio Santos e é anunciada exclusivamente pelo SBT.</p> <p>Padrões detectados: DONO PELO PRODUTO; INTEGRANTE PELA FAMÍLIA</p>
<p>Realização: MC Jornada</p> <p>Pessoa nomeada: Lumena Aleluia, ex-participante do BBB21.</p> <p>Contexto: “lá vem a <i>Mc Jornada</i> quebrar mais tabus #bbb21” (Twitter, @danielvsouza, 2021)¹⁵</p> <p>Motivação: A participante usava a palavra “jornada” com muita frequência.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; FALANTE PELO DISCURSO</p>
<p>Realização: MC Numanice</p> <p>Pessoa nomeada: Ludmilla, cantora brasileira</p> <p>Contexto: “gosto da <i>MC Numanice</i> pq num importa o quão apagada, apática, planta e sem graça é a mulher dela, ela vai ta la defendendo” (Twitter, @OhRennan, 2022)¹⁶</p> <p>Motivação: “Numanice” é o nome de um projeto de sucesso da cantora.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA</p>
<p>Realização: MC Ortobom</p> <p>Pessoa nomeada: Pocah, cantora brasileira e ex-participante do BBB21.</p> <p>Contexto: “sabe minha opinião sobre a declaração da <i>MC Ortobom</i> sobre a Linn? Pocah expressividade” (Twitter, @bixachata, 2022)¹⁷</p> <p>Motivação: Aos olhos do público, Pocah dormia muito no BBB21. Ortobom é uma marca destinada a produtos relacionados ao sono, como colchões e travesseiros.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA AÇÃO; PARTE PELO TODO</p>
<p>Realização: MC Tombamento</p> <p>Pessoa nomeada: Karol Conká, cantora brasileira</p> <p>Contexto: “imaginem a <i>mc tombamento</i> no paredão, ela saindo cm rejeição e aq fora vendo a carreira dela linda como a msm disse n existir mais #BBB21” (Twitter, @Lucas_szaa, 2021)¹⁸</p> <p>Motivação: Em referência a “Tombei”, canção mais conhecida da cantora.</p> <p>Padrões detectados: AUTOR PELA OBRA; CANTOR PELA CANÇÃO</p>

Fonte: Elaboração dos autores.

6 Considerações finais

Neste artigo, analisamos, a partir das bases teórico-metodológicas da Linguística Cognitiva e da Morfologia Construcional, construções antroponímicas com *MC* no português do Brasil, a exemplo de *MC Cusuz* e *MC 50 reais*. Essas realizações são diferentes daquelas usadas com nome

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/marinaavrl/status/1487061566704996354>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/carvalhodiego/status/1488339443161444353>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/danielvsouza/status/1366209493558829057>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/OhRennan/status/1488870942038269955>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://twitter.com/bixachata/status/1483215942993817601>. Acesso em 17 fev. 2022.

¹⁸ Disponível em: https://twitter.com/Lucas_szaa/status/1356426872079458306. Acesso em 17 fev. 2022.

artísticos, tais como *MC Loma* e *MC Sapão*, ainda que mantenha um elo com esses, pois também se referem a pessoas famosas. Nenhuma categoria proposta pelos estudiosos da Antroponímia parece se adequar perfeitamente a esses nomes que circulam, em especial, nas redes sociais da internet.

Do ponto de vista morfológico, essas construções antroponímicas com *MC* apresentam propriedades muito similares a de compostos do léxico comum, o que mostra, por esse viés, que as fronteiras entre nomes comuns e nomes próprios não são rígidas. Do ponto de vista semântico, também não há razões para acreditar fortemente nessa divisão, uma vez que as propriedades metonímicas encontradas nas realizações estudadas são facilmente encontradas em construções do léxico comum.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.

ARAUJO, Aricele Julieta Costa de. A importância e a possibilidade de alteração do nome civil das pessoas naturais. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, p. 1-12, 2013.

BAUER, Laurie. **English word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BOOIJ, Geert. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. *In*: MONTERMINI, Fabio; BOYÉ, Gilles; HATHOUT, Nabil (eds.). **Selected Proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse**. Somerville: Cascadilla Press, 2007, p. 34-44.

FARIA, André Luiz. Formação de compostos nominiais de base livre do PB. *In*: ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; FERREIRA, Rosângela Gomes; PINHEIRO, Diogo; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, Carlos Alexandre (org.). **Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit soluções editoriais, 2009, v. 1, p. 205-218.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Réplica**: quando ‘desler’ se associa à ideia do prazer do leitor. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/replica-quando-desler-se-associa-a-ideia-de-prazer-do-leitor.shtml>. Acesso em 8 fev. 2022.

GOLDBERG, Adele. **Constructions**: a Construction Grammar approach to argument structure. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia construcional**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016b.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JACKENDOFF, Ray. **The architecture of the language faculty**. Cambridge: MIT Press, 1997.

LOPES, Mailson dos Santos. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. *In*: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.

MARONEZE, Bruno Oliveira; SIMÕES NETO, Natal Almeida; VIARO, Mário Eduardo. O verbo parabenizar no português brasileiro: etimologia, neologia e o problema do quasi-hápax em morfologia. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 127-153, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/41149>. Acesso em 8 fev. 2022.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Composição. *In*: RIO-TORTO, Graça; RODRIGUES, Alexandra Soares; PEREIRA, Isabel; PEREIRA, Rui; RIBEIRO, Sílvia. **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

ROCHA, Luiz Carlos Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

RODRIGUES, Leticia Santos. **Neologia antroponímica**: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer? 2019. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Letícia Santos. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RODRIGUES, Letícia Santos. O papel da morfologia construcional na formação de antropônimos neológicos. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 108-123, 2020b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/31661/20600>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RODRIGUES, Letícia Santos; SIMÕES NETO, Natival Almeida. Para uma abordagem construcional da toponímia brasileira: um estudo dos padrões [Beco de X_i]_{TOP} e [Alto de X_i]_{TOP} em Salvador/BA. In: SOLEDADE, Juliana; GONÇALVES, Carlos Alexandre; SIMÕES NETO, Natival Almeida. (org.). **Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2022. (no prelo).

SANTANA, Ana Lucia. **Rap**. Brasil: Infoescola, sem data. Disponível em: <https://www.infoescola.com/musica/rap/>. Acesso em 8 fev. 2022.

SANTOS, Antonia Vieira dos; SIMÕES NETO, Natival Almeida. O esquema construcional [[X]- [mor]]N na história da língua portuguesa. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6097>. Acesso em 17 fev. 2022.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, p. 3373-3394, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2018v15n4p3373>. Acesso em 8 fev. 2022.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. A herança semântica na formação de palavras: uma análise de construções morfológicas de línguas românicas. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 68, p. 743-775, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/39062/24752>. Acesso em 17 fev. 2022.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. O padrão [[X]N de Taubatê]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 265-290, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/24366>. Acesso em 20 fev. 2022.

SIMÕES NETO, Nival Almeida; SOLEDADE, Juliana. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf_1. Acesso em 18 fev. 2019.

SOLEDADE, Juliana. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2018a.

SOLEDADE, Juliana. Antropônimos, uso e cognição. In: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Nival Almeida. (org.). **Nomes próprios: abordagens linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 17-50.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da Morfologia Construcional. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (org.). **Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar**. Salvador: EDUFBA, 2018b, p. 345-378.

SOLEDADE, Juliana. Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. **Macabéa – Revista Eletrônica do NETLLI**, Crato, v. 8, n. 2, p. 411-452, 2019.

SOLEDADE, Juliana. **Os brasileiros e seus nomes: aspectos teóricos e sócio-históricos da antroponímia no Brasil**. 2022. Tese (Tese para Professor Titular de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SOLEDADE, Juliana; RODRIGUES, Leticia Santos; SIMÕES NETO, Nival Almeida. A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre Antroponomástica e Morfologia Histórica. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 371-404, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/57065>. Acesso em 17 fev. 2022.

SUPER POP. **Tidinha e Rodrigo apresentador no Super Pop**. (1m23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3weHLBUJCHA>. Acesso em 8 fev. 2022.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Antroponímia portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Nome e sexo: mudanças no registro civil**. São Paulo: Editora Revistas dos Tribunais, 2008.

Recebido em 25 de fevereiro de 2022.

Aceito em 8 de junho de 2022.

Publicado em 30 de junho de 2023.

SOBRE OS AUTORES

Natival Almeida Simões Neto é doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2020. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pósgraduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2021. É Professor Assistente-A da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando nos cursos de graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL).

Leticia Santos Rodrigues é mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPG-FLP), da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, faz doutorado neste mesmo programa, recebendo bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Processo nº 2019/20331-8.